



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

CulturArte da mulher Negra no contexto da Educação Ambiental

Rosana Manfrinate¹

Imara Pizzato Quadros²

Lúcia Shiguemi Kawahara³

Resumo: O objetivo deste artigo é compartilhar as aprendizagens alcançadas na trilha investigativa sobre a questão da CulturArte da mulher Negra no contexto da Educação Ambiental. Buscou-se, pela compreensão fenomenológica, entender como são estabelecidas as relações entre estes temas. Por que CulturArte? Por que mulher negra? Por que Educação Ambiental? Qual a importância de se tratar esses temas juntos? A observação da Arte Popular que gesta as identidades das mulheres da Comunidade Quilombola de Mata Cavallo em Mato Grosso reafirmou a perspectiva Pós-Crítica da Educação Ambiental que sustenta a inseparabilidade do ser e viver. A arte criadora da vida coletiva corroborou a existência de saberes das mulheres, entremeados com os modos de vida de mãos fazedoras, de cuidados, de lutas e de cultura fortemente entrelaçados com o meio vivido.

Palavras Chaves: Educação Ambiental Pós-Crítica. Arte Popular. Gênero.

Abstract: The purpose of this article is to share the learning achieved in the research about the question of CulturArte of the Black woman in the context of Environmental Education. It is sought, the phenomenological understanding, understanding how the relationship between these themes are established. Why CulturArte? Why black woman? Why Environmental Education? What is the importance of addressing these issues together? The observation of Popular Art that manages the identities of the women of the Quilombola Community of Mata Cavallo in Mato Grosso reaffirmed

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso UFMT no tema de Gênero, Comunidades Tradicionais e Justiça Climática. Pesquisadora e educadora ambiental do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA/UFMT. Analista de Meio Ambiente da Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA/MT.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT Pesquisadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte-GPEA/UFMT. Arte Educadora. Docente da disciplina de Artes do Instituto de Federal de Mato Grosso.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso UFMT no tema de Currículo, Festas Tradicionais e Justiça Ambiental. Pesquisadora e educadora ambiental do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte - GPEA/UFMT. Analista de Meio Ambiente da Secretaria de Estado de Meio Ambiente - SEMA/MT.

the Post-Critical perspective of Environmental Education that supports the inseparability of being and living. The creative art of collective life corroborated the existence of women's knowledge, interspersed with the lifestyles of the hands that made, care, struggles and culture tightly intertwined with the environment which they live.

Keywords: Post-Critical Environmental Education. Popular Art. Gender.

Educação Ambiental

No processo da globalização e dissolução das fronteiras, quando tudo parece ser varrido pela padronização dos valores ocidentalizados e massacrados pelos modelos hegemônicos ditados pelo capital, existe, ao mesmo tempo, um fortalecimento e reconhecimento de diferentes culturas e identidades diversas. Há um movimento de resistência e valorização das identidades, culturas, subjetividades, das “minorias” e do “multicultural”, vivencia-se uma grata “proliferação subalterna da diferença”:

De fato, há dois processos opostos em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização, o que é em si mesmo algo fundamentalmente contraditório. Existem as forças dominantes de homogeneização cultural, [...]. Mas, bem junto a isso estão os processos que vagarosa e sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, levando a uma disseminação da diferença cultural em todo o globo. (HALL, 2009, p. 44).

Tal contexto traz o desafio de se compreender o panorama educacional para se alcançar voos e estabelecer diálogos com sonhos e ensejos das minorias.

Primeiramente, faz-se necessário compreender que a modernidade trouxe uma lógica evolucionista, desenvolvimentista da ciência iluminista para nossa sociedade ocidental (HARVEY, 2010; HALL, 2005). Extremamente asséptica e dualista, a ciência moderna fragmentou o conhecimento em especialidades dentro de uma única visão, a cartesiana. Portanto, o processo educativo esteve e ainda está fortemente embasado em um cientificismo moderno que separou a razão da emoção; o civilizado do selvagem; o indivíduo do coletivo; o conhecimento científico do senso-comum; o ser humano da natureza; a inteligência da arte; fragmentando as áreas do conhecimento e com isto, a educação sofreu mutilações que hoje se tenta remendar.

Destarte, toda educação seria ambiental se não a tivéssemos fragmentado tanto. Atualmente, busca-se a recuperação dos estilhaços desprezados, desvalorizados, excluídos na modernidade, busca-se dar visibilidade e identificação as diversas frentes de luta pelo

reconhecimento e valorização da Educação Infantil, Educação Ambiental, Educação Inclusiva, Educação Quilombola, Educação Indígena, entre outros.

No contexto da Educação Ambiental encontra-se um espaço privilegiado para se repensar e se viver possibilidades de reconstruir as formas de se compreender o mundo pelo convite em situar a vida de volta à relação com o meio vivido.

Busca-se, portanto, uma perspectiva da pós-modernidade para se tentar lembrar o que foi esquecido na modernidade, na tentativa de reconstituir a complexidade procura-se entender que:

[...] a pós-modernidade construtiva visa a ultrapassar a modernidade, revisando suas premissas e conceitos tradicionais e unificando novas unidades das ciências, da ética, da estética e da instituição religiosa. Embora considere que a modernidade tenha conseguido avanços importantes, a pós-modernidade resgata valores pré-modernos (como significados cósmicos, tradições, paz e feminismo, entre outros fatores) que a modernidade negligenciou em nome da historicidade do ser humano e da ênfase à ciência. (SATO e PASSOS, 2004, p.76).

Neste sentido, faz-se imprescindível a assunção de uma Educação Ambiental com perspectivas para além da sua visão instrumental e utilitarista. Kawahara (2015) sinaliza a urgência da Educação Ambiental Pós-Crítica que supera a visão Crítica da educação, ou seja, não nega a necessidade da educação transformadora e emancipatória da pedagogia Crítica, mas inclui a existência de questões como a multiculturalidade, identidade, gênero, sexualidade, ou seja, das subjetividades que a ciência moderna ignorou ou excluiu dos debates educacionais (SILVA, 2005).

A Educação Ambiental que busca recuperar a relação do ser humano com o ambiente em que vive e considera a inclusão do saber identitário das diferentes comunidades tradicionais como conhecimento legítimo, sem fazer distinção hierarquizadora da cultura popular e erudita é uma Educação Ambiental Pós-Crítica e ainda tem uma perspectiva fenomenológica quando recupera a relação dialética do Eu-Outro-Mundo e não apenas do eu-outro, restaurando a importância da relação da natureza-cultura, do saber e fazer coletivo com o meio em que se vive; percebe o processo educativo como *locus* para criar e recriar a nós mesmos e a nossa própria cultura.

Assim, urge reconhecer as instâncias fenomenológicas onde se realize ações educativas comprometidas e responsáveis que se disponham:

[...] prevê que toda experiência seja uma experiência reflexiva, no sentido de que o sujeito possa pela reflexão chegar ao autoconhecimento, a partir da análise de decisões passadas.

Cada indivíduo que se eleva a partir do ser natural para o nível de consciência encontra na linguagem, nos modos de ser, na cultura e nas instituições do seu povo, um corpo material pré-dado do qual ele precisa apropriar-se, da mesma forma como aprende a falar e viver a sua cultura. (MARTINS, 1992, p.77 e 86).

Na perspectiva Pós-Crítica da Educação Ambiental, o movimento se distancia das certezas e busca criar novas possibilidades no próprio cotidiano, ponderando a incompletude humana e fortalecendo as relações, pois é importante considerar “a subjetividade, as relações intersubjetivas e a fundamentação como um conhecimento não-linear, fazendo analogia com a metáfora da rede para compreender a vida e o conhecimento.” (TRISTÃO, 2009, p. 06).

Surge como desafio aos educadores, realizar o registro das relações existentes, valorizar a importante rede que se constrói na organização, realização, manutenção os ritos coletivos, percebendo a existência de um processo cíclico pedagógico de manutenção, transgressão e construção de identidades que articulam a natureza e a cultura de forma integrada.

As bases para a superação da excessiva fragmentação e especialização de papéis estão na expectativa pós-crítica; como espaços para se inventar alternativas para cada educador se construir de forma contextualizada, em diálogo com as necessidades e saberes do local onde estão os desafios, respeitando as identidades múltiplas que os cercam.

Depois das teorias críticas e pós-críticas do currículo torna-se impossível pensar o currículo simplesmente através de conceitos técnicos como os de ensino e eficiência ou de categorias psicológicas como as de aprendizagens e desenvolvimento ou ainda de imagens estáticas como as de grade curricular e lista de conteúdos.

Num cenário pós-crítico, o currículo pode ser todas essas coisas, pois ele é também aquilo que dele se faz, mas nossa imaginação está agora livre para pensá-lo através de outras metáforas, para concebê-lo de outras formas, para vê-lo de perspectivas que não se restringem àquelas que nos foram legadas pelas estreitas categorias da tradição. (SILVA, 2005, p. 147).

Assim, provavelmente, a Educação Ambiental Pós-Crítica está em um cenário sem o enquadramento ou demarcação nos moldes previstos pela modernidade, ela está dissolvida no cotidiano comum de pessoas e espaços invisíveis que resistem e re-existem na criatividade coletiva. Nas comunidades tradicionais há a oportunidade de se observar e

se vivenciar a educação, enquanto arte investigadora da vida cotidiana, no fazer coletivo, fortalecendo a “identidade que se expressa e se afirma na articulação da natureza e cultura, que se consubstancia, de forma eminente, na trajetória de um currículo educacional.” (PASSOS; SATO, 2002-b, p. 09).

Como bem demonstrou Regina Silva (2011), na corrida para o desenvolvimento, muitas identidades foram relegadas à invisibilidade, no processo histórico muitas identidades foram ignoradas e impelidas à situação de inexistência. Assim, urge a valorização e o reconhecimento das comunidades tradicionais para que possam sair da invisibilidade para conquistar o reconhecimento legal e alcançar a efetiva participação na elaboração das políticas públicas.

A Educação Ambiental, nesta perspectiva, valoriza a cultura local e considera a possibilidade da percepção do pertencimento do sujeito ao meio de vida relembrando que todos os atores são responsáveis pelo mundo em que vive.

Considerando-se educar como cuidado para que o ser possa viver na plenitude de sua existência, [...] o Currículo deverá ser enfatizado como construção da cultura, pois toda cultura se caracteriza por ter acumulado, no processo de seu desenvolvimento histórico, um acervo de conhecimento.

A construção da cultura envolve artes, experiências vividas e registradas na história, visões de mundo, expressões, estilos e símbolos que são usados por um povo, conhecimentos e conceitos que contêm um potencial poderoso a ser outorgado às novas gerações. (MARTINS, 1992, p. 76).

Assim, a natureza deixa de ser considerada como mero palco dos acontecimentos e se torna autora com voz corporificada em um sujeito uno e coletivo.

Joel Martins, em defesa de uma fenomenologia do amor aborda o tema educação como poesia, como um “ato de poder e de fazer” e ressalta:

Um poema vivo é aquele que permanece vivo porque se acha enraizado nas coisas mortais, bem como nas emoções que se perpetuam nos humanos. Resgatar na educação o sentido da poésis exige que a subjetividade humana se torne visível e que as instituições estejam aí auxiliando na possibilidade de transformação desse ser-ai que comparece. (1992, p. 91).

Na realização do processo educativo que dialoga com a cultura de uma comunidade, percebemos uma preciosa oportunidade de se considerar os sujeitos na sua totalidade, em espaços e tempos coletivos de aprendizagens e de criação. A Educação Ambiental como possibilidade de se promover o amor e cuidados pela terra em que se habita (BRANDÃO, 2005; MATURANA, 2009). A arte-cultura-educação-ambiente configuram-se instâncias

de experiência de convívio, de arte, de partilha e, portanto, momentos em que a aprendizagem pode ser mais significativa.

CulturArte da mulher Negra

A Arte e a Educação (dentro e fora da escola) são partes integrantes do bojo Cultural. O Ambiente é espaço e tempo de parir cultura humana, fornecedores de matéria criativa material e imaterial. A Natureza celebra vida, incluindo neste bojo, comunidades quilombolas, indígenas, tradicionais, urbanas, entre outras. No seio destas vidas coletivas, estão as mulheres... as afro-descendentes!

Quando a Natureza presenteia com matérias as comunidades, os grupos humanos lhes possibilita desenhar o viver cotidiano, promovendo a transformação da natureza em utilitários e não utilitários, ambos importantes para o bem viver. Nesse rumo, se considera a Natureza íntimamente ligada com o viver humano, tecendo um caminho de doação da Natureza para a Cultura nascer e vicejar, com foco na produção/trabalho artístico das comunidades e grupos sociais. E neste quadro, aprender com a própria vida, com o próprio fazer se torna a matéria da transformação da vida local e para além dela!

Compreendendo desta maneira, o objeto do presente artigo reside na potencialização da ligação entre ‘NaturezaCulturArte e a Mulher Afro-matogrossense’. Ao se buscar o reconhecimento da Arte Popular como um campo epistemológico de saberes e fazeres das pessoas de um lugar-tempo, se justifica a inteireza *NaturezaCultura* e *NaturArte*. “A mão que trabalha, tem necessidade da exata mistura da terra e da água para bem compreender o que é uma matéria capaz de uma forma, uma substância capaz de uma vida.” (BACHELARD, 1997, p. 2).

A mão fazedora tem ânsia da descoberta, mas antes disso sonha! Se a Arte é labor da mão sonhadora, do ser que lavra as coisas para o bem viver a vida, esta área de conhecimento humano se revela uma boa educadora na e para a escola da vida, e assim sendo, pode ser tomada como uma boa proposição curricular da vida e para ela. A prática da arte pode ser compreendida como prática da presença, da resistência e da esperança. A arte evidencia um saber entremeado com o modo de vida da mão fazedora, então, cultura fortemente entrelaçada com o ecossistema-natureza – “NaturezaCultura/NaturezArte.” (QUADROS, 2013).

Mas a prática cultural predominante ainda é a dos receituários, cartilhas e modelos ideais. A educação, fora e dentro das escolas, ainda considera a reprodução sem sentido. A vida meramente reprodutora é sem significância e, por essa razão, sem valor algum. Porém,

para quem tem a prática cultural de trabalhar a própria vida, tem a oportunidade de realizar outro desenho para o viver. Somente almas que acolhem a poética podem chegar a conhecer este sabor e, por isso, vestirem-se do espírito da felicidade. O viver humano tem sua gênese num viver criativo, e esta possibilidade está prestes a ser sucumbida do mundo humano, razão pela qual é preciso reaprender a criar a própria vida com compromisso, respeito e ética. Melhorando o mundo inclusive!

Segundo Quadros (2013, p. 30) “De antemão já se presume que esta cartografia, ‘NaturArte’, revela concomitante, grandes e pequenos impactos, desvelando um contingente enorme do por fazer”. Na tessitura ambiental berço das criações humanas, portanto da vida cultural, se assenta como essencial à vida das pessoas indistintamente, todos somos dependentes dos ecossistemas (Natureza). Mas, no presente momento há uma contingência maior, insuportavelmente insustentável de desrespeito ambiental, Antrópico.

Considerando um bom rumo a partir do entendimento de Educação Ambiental, se busca o entrelaçamento do respeito às diferentes identidades e do permanente processo de construção de valores, comportamentos e conceitos, respectivamente, dimensões axiológica, praxiológica e epistemológica da Educação Ambiental (PASSOS E SATO, 2005). Segundo Quadros (2013, p.81) “A EA indica uma trilha em que o meio natural está intimamente ligado ao cultural, lugar onde se encontra a ciência popular, a lógica de determinada comunidade, de determinado grupo social”. E é vivendo a vida, que grupos sociais, as pessoas, vão aprendendo e ensinando a vida, e assim, tecendo culturas. Incluído neste bojo ensinador aprendiz, figura a arte popular.

É no modo singular de existir, mas deitado no berço esplêndido da universalidade da existência humana, que se pode tecer o bem viver e bordar saberes, não só para si e seus pares, mas também para outras pessoas, outros grupos sociais, outras comunidades, outras sociedades, outros setores sociais da vida humana. O ponto de partida da sabedoria pode ser a ignorância, mesmo reconhecendo que não há ignorantes absolutos. Portanto, saber é uma superação constante, é um testemunho do [novo] saber anunciado.

Os conhecimentos culturais populares, saberes construídos nos territórios de vida cotidiana, revelam um saber local sustentável com base na vida vivida, aprendida e ensinada fora dos muros escolares de geração em geração. Embora seja uma trilha que há muito foi desenvolvida e conhecida, esse tipo de vida não ganha nenhuma relevância no cenário político cultural sustentável, a não ser na indústria socioambiental cultural e artística que, por vezes é assistencialista e politiqueira. Então, uma porta entreaberta para estudos no viés artístico para melhor compreender e desenhar políticas públicas

possibilitando a escolha de caminhos outros. Sinaliza Brandão (2002, p.165), “É a partir de uma compreensão do modo de vida e da lógica do pensar de cada cultura, em cada sociedade, que é possível equacionar métodos proveitosos e realizar um ensino-aprendizagem criativo”.

A escola da vida é uma voz que deve ser validada no campo escolar e não escolar, pois é, seguramente, um acervo cultural riquíssimo local e universalmente colocado. Esse outro universo da educação, o não escolar, a escola da vida, é sempre criativo e, por isso subversivo, porque viceja o humano local, tessitura de valores, símbolos e significados travestidos de gestos, olhares, sons pelos guetos, entre outros que acimentam o estar junto com os semelhantes, distinto dos diferentes, mas unidos pelo cordão da universalidade humana.

Afirmam as ideias maffesolianas que existe um conhecimento empírico cotidiano que não pode, e acrescentamos, não deve ser dispensado. Esse intelectual do “invisível-visível, do pequenino” revela na obra *A “Conquista do Presente”* (MAFFESOLI, 1984) que o conhecimento empírico é um saber fazer, um saber viver social, constituidor de um rico dado, a vida instituinte e, para isso, lembra que se devem considerar as particularidades do viver, aquelas ações chamadas por vezes de pequenas ou banais, mas que, segundo esse estudioso, oferecem sentido ao grupo cultural.

Todo ser humano expressa e comunica ideias e sentimentos através de linguagens, entre as quais a fala e a escrita, mas também a não falada e não escrita. Assim projetando, se segue afirmado que a arte está presente na vida humana desde os primórdios da sua existência. É via arte que os diversos grupos humanos também podem expressar sua estética e seus fazeres criativos, que são transformadores. As sociedades, ao construírem o seu legado cultural e artístico, tecem o da humanidade concomitante, bordando saberes artísticos locais e universais. Ferraz e Fusari (1999, p. 16), no livro *“Metodologia do Ensino de Arte”*, afirmam que “o mundo em que nascemos e vivemos traz uma história social, incluídos neste bojo histórico figuram as produções culturais-artísticas que estruturam, dão forma e peso ao nosso Senso Estético, ao nosso prazer e gosto”.

Quadros (2013, p. 82) afirma:

A arte é o saber estético e artístico. O saber estético é residência de valores sensíveis, valores humanos. A expressão estética, não se dá somente pela arte, porém, reside um dos principais nichos, desenhando o sensível-cognitivo que é parte do objeto artístico, como parte da cultura humana. O saber artístico é um saber que proporciona vivência sensível-cognitiva, feito de experimentações e da parceria com o perceber e pensar sobre as coisas da vida. *Lócus* das representações,

das expressões sensíveis e imaginativas, é por meio de uma linguagem específica que os fazedores de arte abordam conteúdos da vida que revelam o ser individual e social do seu tempo-espaço, conforme sua interpretação, isto é, da maneira como percebem as coisas.

A arte promove no fazer e no conhecer, o uso das capacidades perceptiva, sensível e criativa. Esses aspectos importam para o “ser” e “estar” na vida, no mundo, colorindo-o com as cores da subjetividade humana e completando o ser que não é só ser da objetividade. É neste trajeto que se pode inaugurar toda a singularidade de pessoas e grupos, contribuindo com a compreensão da diversidade e da multiculturalidade social humana, possibilitando a construção, a elaboração, a experimentação e o entendimento do patrimônio cultural de grupos e sociedades num sentido quintal-universal, propondo um trânsito compreensivo pelo menos mais liberto de preconceitos e injustiças.

Boaventura Santos (2002, p. 11) afirma que “os objetos artesanais estão muito próximo à natureza. Eles usam materiais disponíveis nas diversas regiões: o barro, a pedra, a madeira”. E Müller (2002, p. 7) revela que:

Artesãos catalizaram a vitalidade dos materiais, sua diversidade e beleza em peças únicas que atendem as necessidades várias da vida cotidiana. Nessa dimensão de sobrevivência e de preservação da vida, o artesanato implica a produção de artefatos com alta qualidade. São peças bem proporcionadas, em que as formas e o justo emprego dos materiais estão diretamente ligados a satisfação [prazer] das necessidades e aos recursos disponíveis.

Na comunidade quilombola de Mata Cavalo se conheceu a Arte Popular produzida pelas mulheres da/na localidade como solo fértil para uma relação arte-ambiente, ou seja, Gênero, Ambiente e Arte. As Mulheres desta Comunidade nascidas e criadas neste território aprenderam mesmo sem perceber a olhar tudo em sua volta.

A comunidade fica no meio do cerrado do estado de Mato Grosso, chão de terra vermelha de onde se levantam casas simples, algumas de alvenarias, outras de tabuas ou mesmo de palhas. Em seus quintais presentificam enfeites de flores nativas ornamentadas em latinhas, forno de barro e roça com produtos que não podem faltar na mesa dos quilombolas, como a mandioca, abobora, cana e as diversas espécie de bananas. Mata Cavalo é cortado ao meio pela rodovia MT-060, considerado área rural do município de Nossa Senhora do Livramento. Possui 11.722 hectares e é dividido em seis associações distintas matriculadas em cartório: Mata Cavalo de Cima; Ponte da Estiva; Ventura Capim Verde; Mutuca; e Mata Cavalo de Baixo, formando o complexo Quilombo Boa Vida Mata Cavalo (SATO et. al. 2008).

Mata Cavallo foi reconhecido pelo Decreto Presidencial de 05 de novembro de 2007, após ter sido elaborado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) e a ata nº 24 da reunião do Comitê de Decisão Regional do Instituto de Colonização e Reforma Agrária-INCRA/MT, embasadas no laudo antropológico financiado pela Fundação Palmares para o Mapeamento e Sistematização das Áreas de Comunidades Remanescentes de Quilombo. Mesmo com o reconhecimento ao direito à terra garantido juridicamente, ainda hoje os herdeiros lutam pelo seu reconhecimento e posse definitiva, pois existe uma forte contestação por parte dos fazendeiros da região em aceitá-los como verdadeiros donos da terra. Para espoliá-los variam os métodos com atos de intimidação e violência sendo usado até aparato policial para isso.

Em Mata Cavallo, quando fazem Festas de Santo, tradicionalmente enfeitam o altar. É um trabalho coletivo-feminino que envolve mulheres de todas as idades, possibilitando uma aprendizagem dinâmica no aqui-agora. Pois, enquanto as demais atividades vão sendo cumpridas para o festejo, algumas mulheres reunidas vão com as próprias mãos recortando, modelando e amarrando papel crepom e barbante, transformando o material em lindas flores para enfeitar o altar do Santo em devoção.

O altar todo vestido de flores cor de rosa se apronta para o festejo. Mas, a riqueza deste estar junto feminino em trabalho de fazer flores de papel, é a grande riqueza da aprendizagem feminina, é neste momento que tecem além das flores para o altar, tecem arte, tecem história, tecem cuidado-amor, tecem respeito, tecem resistência, tecem força feminina, tecem luta e tecem o rumo das coisas da vida do quilombo. (Imagem 01).

Imagem 01: Mãos fazendeiras de flores em devoção. (Fotos: Imara Quadros).



A Ilustração acima mostra a mão de uma mulher madura conduzindo firme o ritmo do fazer flores em papel crepom para enfeitar o altar do santo em devoção. A mão da jovem mulher já habilidosa segue o fazer, e a mão ainda muito jovem da menina, vai aprendendo no fazer! Três gerações fazendo arte popular na comunidade quilombola de Mata Cavalo, Livramento – MT. Consideraram (GARCIA; QUADROS; KAWAHARA e MANFRINATE, 2008, p. 10, 11 e 12):

Esta comunidade quilombola, assim como as demais comunidades negras, foram relegadas e ou colocadas à margem da história oficial, mas elas pulsam vida cultural a cada novo dia, a cada nova festa, a cada nova flor! A identidade quilombola vai muito além do forte propósito de retomar as terras que um dia lhes foram tomadas, é também desejo de redesenhar a sua cultura. É neste contexto de resistência, de re-existência, de luta, de sonhos e de esperança que a vida vai sendo modelada com mil encantos e beleza, através das mãos quilombolas de Mata Cavalo. (IBIDEM, p. 10).

As mulheres e as meninas vão aprendendo-ensinando a fazer a flor prá enfeitá o altar da santa em devoção! Santas mulheres! Linhas fortes desenham formas no rosto da mulher que aprendeu a “ver” as flores no mundo natural, e a fazê-las em papel crepom. (IBIDEM, p. 11).

E a ideia das flores rosas, de onde vem? As pessoas por sua natureza humana olham tudo que existe à sua volta, se relacionam com o meio ambiente natural, cultural, de vida. As mulheres são parte deste universo sensível. Existem flores de todas as formas, de todas as cores e de todas as belezas! Basta olhar atentamente e sonhar muito com o altar em devoção! (IBIDEM, p. 11).

Ao trabalhar as matérias transformando-as em objetos da/para vida cotidiana (sensibilidade-criatividade), já podemos chamar de Arte Popular, e é neste fazer artístico e estético que fazedoras (Mulheres Negras) re-existem (PORTO-GONÇALVES, 2006), resistem, re-significam e transcendem a si mesmas!

Assim na transcendência do ambiente em arte, e na arte como luta do dia a dia, as meninas de Mata Cavalo aprendem também com as mulheres mais velhas a serem senhoras de seus territórios: O quilombo de Mata Cavalo.

No quilombo é bem notável a liderança feminina, as 6 comunidades que formam o complexo Boa Vida de Mata Cavalo tem como lideres as mulheres.

A resistência e a luta no quilombo são particularidades assumidas pelas mulheres, são elas que brigam e discutem com os fazendeiros. Esse fenômeno é colocado como uma tática de “combate”, pois quando havia brigas e os homens quilombolas entravam na frente de batalha, os fazendeiros não tinham nenhum escrúpulo em partir para a agressão física, e,

como contavam com armas de fogo e empregados contratados justamente para esse fim, os quilombolas acabavam sofrendo muito. Como nessa narrativa:

Eles saíram escondidos, porque eles escureciam e não amanheciam(...) eles não podiam sair e era fazendeiro com jagunço atrás deles(...) Papai contou para mim que ele ficou amarrado cinco dias numa árvore com sede e com fome. (Dona Estivina, Mata Cavalo, novembro de 2009).

Porém, com as mulheres quilombolas tomando a frente da luta os fazendeiros relutavam um pouco em agredi-las e a discussão ficava só nas ofensas verbais. Para elas isso garantiu um papel importante no quilombo, colocando-as no espaço da disputa como sujeitos atuantes de sua história.

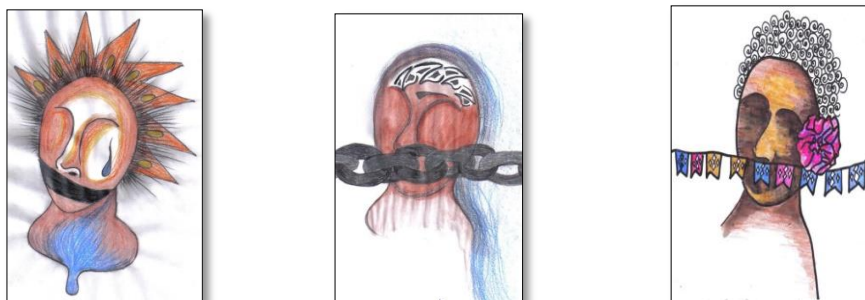
Eles xingavam de negra sem vergonha e de palavrão feio que esse eu só posso falar escrito...eu já tomei muito dos peões com cachorro com cavalo, mas é como a Dona Tereza (antiga líder do Quilombo falecida em 2011) fala para gente, não vamos virar as costas para esses fazendeiros, sem dizer a mesma coisa que eles. E assim a gente faz enfrente eles. (Dona Branca, Mata Cavalo, novembro de 2009).

Ao responder na mesma medida, mesmo que com palavras feias, ou com gritos, elas buscam seus destinos, agora elas falam a favor de sua cidadania, pois a primeira coisa que a injustiça e a dominação retiram do povo é seu poder de fala e contestação, “na nossa sociedade o exercício da palavra se transformou no direito do poder” (BRANDÃO, 1985, p.10).

Quando perguntadas de onde vem tanta força para lutar, a explicação delas para o poder feminino no quilombo é o que chamam de herança das antigas guerreiras africanas, que implica numa grande força às suas descendentes, e a qual elas sabem fazer bom uso. Isso é o que conforme nos mostra os trabalhos de Ricouer (2007) reflete sobre a memória como lembranças construídas com intencionalidades de auto-reconhecimento, tanto no campo cognitivo quanto no pragmático.

Essa memória como herança diz respeito a uma figura etérea pertencente ao feminino que viveu em algum lugar na história, com representativas expressões, que tem em comum com as atuais mulheres do quilombo um passado de descendência africana, e que agora são solicitadas a fazerem parte de Mata Cavalo (Imagem 02, 03 e 04).

Imagem 02, 03 e 04: Ilustração da trajetória histórica das mulheres de Mata Cavallo, da mordaca e correntes a Arte Popular mato-grpssense. (Arte: Imara Quadros).



Podemos nos apoiar ainda em Ricouer (Idem) e compreender que a memória pode ser a apreensão imaginativa afetiva que projetamos da vida do outro, preenchendo assim nossas lembranças. Que a memória dessas guerreiras fortes e corajosas nada mais é do que o autor chama de memória feliz, ou seja, o momento de ligação com o histórico, que é cognitivo por linguagem e atos, mas não é um fato e sim um voto. E como voto ele não precisa ser provado, e pode ser mudado. “pois o que me importa a história já que o passado é presente, já que um passado que não é meu acaba de enraizar em minha alma e me proporcionar sonhos sem fim” (BACHELARD, 1989,p.12).

Como herança de força, as antigas mulheres negras se misturam às lembranças das avós nos ensinamentos, sobre a luta que vem em comunhão com o cuidado com o ambiente e com o outro, num paciente trabalho manual que se desenha como a arte do viver. A respeito da sabedoria do cuidar com afeto e amor, Brandão sugere:

Fomos feitos para construir este lugar feliz, pouco a pouco, na vida de cada dia e de maneira irreversível, por nossa conta e em nome do afeto do amor que nos une e da felicidade de todos e sempre, que é o nosso destino humano." (BRANDÃO, 2005,p.24).

Mostrando assim que no mundo atual, com o tempo corrido, e de coisas instantâneas, ainda é possível a ligação com a tradição e a memória, conforme nos aponta Bachelard:

O tempo, limitado ao instante, nos isola não apenas dos outros, mas de nós mesmos, posto que rompe com nosso passado mais querido. o tempo tem várias dimensões; o tempo tem uma espessura. Só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes. Reciprocamente, qualquer psicologia temporal unificada é necessariamente lacunar, necessariamente dialética. (1994, p. 87).

O tempo certo também está no aprender “O tempo é, na verdade, a condição de possibilidade de poder ter acesso e enxergar o mundo” Passos (2005, p.67), e se deixar guiar pelo elemento feminino da Anima (BACHELARD, 2009; BOFF,2004) que sonha e cria, embala e acolhe, e renova as imagens com profundidade e paz observando e entendendo o outro como natureza ou transformando-o em natureza.

Foi desta maneira que as flores cor de rosa entraram em cena nas vidas das mulheres de Mata Cavalu. A arte de modelar flores a partir da flor envolvente no Cerrado em que se habita, contemplam em si toda a personalidade quilombola de quem representa, a materialidade da essência feminina, identidade da mulher que a confecciona e da mulher que se inspira e inspira. Ela tem a ver com o passado e as tradições, mas também com o futuro. Construindo dessa forma as relações do que se pensa que é, o que se pode ser e com o que não somos. “As identidades surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma a sensação de pertencimento (...) mesmo que construída no imaginário”. (HALL,2007,p.109).

Para Brandão (1986), os acontecimentos da vida de cada pessoa e as experiências com os outros, constroem sobre ela, aos poucos, uma imagem de si mesma. Nesse sentido, também Hall (2005) argumenta que as identidades construídas são reflexos das experiências vividas em comum, e apresentam um quadro de referência uno em uma comunidade. As flores cor de rosa e mulher se misturam e se pertencem, assim como se misturam e se pertencem os quilombolas e a natureza do território.

As flores são elementos não apenas do costume, mas também da identidade que revive e vive a cada vez que as mulheres quilombolas repetem todo o processo de enfeite do altar para as festas de santo, em que se olham nos olhos umas das outras buscando inspiração e as mãos fazedoras dão forma convidando as pequenas mãos femininas para ajudar, aprender a lida.

Assim, como a mais extrema delicadeza, a mão desperta as forças prodigiosas da matéria. Todos os sonhos dinâmicos, dos mais violentos aos mais insidiosos, do sulco metálico aos traços mais finos, vivem na mão humana, síntese da força e destreza. (BACHELARD, 1991, p. 43).

A identidade dessas mulheres quilombolas tem a noção do pertencimento ao ambiente local. Essa noção de pertencimento (SÁ, 2005) é a relação entre os seres humanos e a natureza que passa pelos diversos sentidos, construindo uma identidade do humano com o biológico, com posições humanísticas, referindo-se a ética e à sustentabilidade.

Ao se utilizarem dos elementos da natureza há uma aproximação do humano com seu meio, uma religação com natureza, não no sentido apenas do utilitarismo, mas do reconhecimento de pertencer e de enxergar a natureza. Neste mesmo rumo coadunamos com o pensamento de SERRES (1994, p. 192) quando ele trata em relação a sua primeira visão global da Terra oportunizada pelas imagens fotografadas pelos satélites, afirma que: “Vi-o com meus olhos e o meu entendimento, ainda há pouco; finalmente, pelo meu ventre e os meus pés, pelo meu sexo, sou a Terra”.

E ao se reconhecerem como parte da natureza, as mulheres transcendem a dualidade criada na ciência moderna de separação entre o ser humano e o meio ambiente, e esse reconhecimento oportuniza o respeito essencial à busca da sustentabilidade (GRUN, 2009).

Assim, Quadros, Kawahara e Sato (2012), apontam que a percepção ambiental vai muito além da dimensão espacial, mas ela também é a força criadora que cada grupo social estabelece com o lugar em que vivem, sendo expressos e comunicados por diferentes formas.

Se reconhecer como natureza pode significar também o auto-reconhecimento como parte importante do mundo, é o olhar das mulheres para si mesmas, num apelo individual de extrapolar a cegueira sobre sua própria condição, e ver seu próprio reflexo valorizado, num exercício de Narciso. Para Bachelard (1997), Narciso nem sempre significa ações neurotizantes, pois ele nós dá a consciência da nossa beleza, e nos inspira a nos conhecermos dentro do nosso próprio reflexo:

Narciso vai, pois à fonte secreta, no fundo dos bosques. Só ali ele se sente que é naturalmente duplo; estende os braços, mergulha as mãos na direção de sua própria imagem(...). Diante das águas, Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade. (p.25).

As mulheres ao verem suas faces nas flores do altar, veem não só a realidade de suas vidas, mas o ideal de como poderiam ser. Com sua sensibilização em relação ao mundo e para o mundo (FREIRE, 2005), compreendendo de forma diferente a sua história e seu papel, dão forma as suas lutas cotidianas por espaço de audiência as suas falas.

E toda essa experiência de vida da Mulheres de Mata Cavalo pode se mostrar como base para uma educação vivenciada num conhecimento onde a natureza e a cultura caminham juntas para a sustentabilidade, ancoradas no reconhecimento de suas próprias narrativa A terra não serve apenas para ser a ferramenta de subsistência, mas serve de território para se formarem como mulheres negras e quilombolas, que encontraram o seu lugar de verdade. (MANFRINATE, 2011, s/p.).

E por fim, em nossa visão, a Educação Ambiental se constitui em espaços onde a diversidade de sentidos das relações de gênero, grupos sociais e o meio ambiente podem se fazer presente na discussão de políticas públicas. Mas não de uma forma apenas técnica, mas simbólica e cultural, com o alcance do imaginário de sentidos e identidades das mais diversas mulheres, fortalecendo assim a cultura e a história dessa comunidade, reiterando e enraizando o valor do território.

Bachelard (1991, p.224) mostra como é importante a força de uma boa raiz, (nesse caso aqui todo o trabalho de manutenção da tradição) para que se obtenha lindas flores: “É possível entretanto encontrar belas e raras imagens que conferem uma espécie de força enraizante à flor contemplada. Florecer bem é então uma maneira segura de enraizar-se”.

Referências:

- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Trad. Glória de C. Lins. RJ. Bertrand Brasil, 1989
- _____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- _____. **A dialética da duração**. SP. Ática, 1994.
- _____. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. SP. Martins Fontes, 1997.
- BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris**. RJ. Sextante, 2004.
- BRANDÃO, C. R. **Educação Popular**. 2ª Ed. SP. Editora Brasiliense, 1985
- _____. **Identidade e Etnia**. Construção da pessoa e resistência cultural. Brasiliense.SP,1986.
- _____. **A educação como cultura**. Campinas.: Mercado das Letras, 2002.
- _____. **Aprender o amor** – Campinas. Papiros, 2005.
- FERRAZ, M. H. C. de Toledo e FUSARI, M. F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. SP. Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo **Pedagogia do Oprimido**. RJ, Paz e Terra, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ. DP&A, 2005.
- _____. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 103 a 133
- _____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende (et al.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GRÜN, Mauro. *Descartes, Historicidade e Educação Ambiental*. In: MOURA, I.C.GRÜN, M.TRAJBER, R. **Pensar o Ambiente: Bases filosóficas para a Educação Ambiental**. UNESCO, Brasília, 2009.

HARVEY, David. **Condições Pós-Modernas**. SP.. Edições. Loyola, 2010.

KAWAHARA, Lúcia S. I. **Currículos festeiros de águas e outonos: fenomenologia da educação ambiental pós-crítica**. Cuiabá: 2015, 287f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

MAFESOLLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MANFRINATE, Rosana. **A Pesquisa em Educação Ambiental e a Utilização da História Oral: A Narrativa das Mulheres do Quilombo de Mata Cavalo**. In: VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental” A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil. Ribeirão Preto, setembro de 2011. Anais Eletrônico.
http://www.epea.tmp.br/viepea/epea2011_anais/busca/pdf/epea2011-0034-1.pdf

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como Poiesis**. SP: Cortez, 1992.

MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes, BH: Editora UFMT, 2009.

MÜLLER, Elda. **Uma arte do cotidiano**. In: **Artesãos do Brasil**. SP. Gráfica Proll/Editora Abril, 2002.

PASSOS, L. A e SATO, M. “**Educação Ambiental: O Currículo nas Sendas da Fenomenologia Merleau-pontyana**”. In SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel et SATO, Michèle (Dir.) *Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre*. Montréal: EREUQAM, 2002-b, Tome I: p. 129-135.

PASSOS, L. **A centralidade do tempo e da temporalidade para a educação**. Revista de Educação Pública (UFMT), Cuiabá, v. 14, n.26, p. 131-149, 2005.

PASSOS, L. A e SATO, M. . **De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa**. IN: SATO, M. e CARVALHO, I. (org) *Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.213-232.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Reinvenção dos Territórios: a experiência latino-americana e caribenha**. En publicacion: **Los desafíos de las emancipaciones en un contexto militarizado**. Ceceña, Ana Esther. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2006. pp. 151-197. (ISBN 987-1183-34-8).

QUADROS, Imara P. **Palavras científicas sonhantes em um território úmido feito à mão: a arte popular da canoa pantaneira**. Cuiabá: 2013, 372f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFMT.

QUADROS, I. SATO, M. KAWAHARA, L. **Deslizando da margem à correnteza: a mobilidade da canoa na arte da educação ambiental. AmbientalMente Sostenible**. Galícia: Universidad de Coruña, 2012

- RICOEUR, Paul. **A memória a história o esquecimento**. Campinas, Unicamp. 2007.
- SÁ, Lais M. *Pertencimento*. in **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA/DEA, 2005, v. , p. 245-256.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. *Revista crítica de ciências sociais*, nº 63, p. 237-280, 2002. Acesso disponível em: http://www.cpd1.ufmt.br/gpea/pub_artig.htm
- SATO, M., PASSOS, L.A, ANJOS, A., GAUTHIER, J. **Jogos de luzes: sombras e cores de uma pesquisa em educação ambiental**. *Revista de Educação Pública*, v. 13, n.23, 31-55, 2004.
- SATO, Michèle et alli. **Nossa Palavra e sim**. *Revista de Educação*.Cuiabá. v. 17 n. 33 p. - 211 jan.-abr. 2008.p.159-173.
- SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1994.
- SILVA, R.. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil**. São Carlos: 2011. 221f. Tese (Doutorado). Programa de PósGraduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos.
- SILVA, T. Tadeu. *Da Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 8. ed. BH. Autêntica, 2005.
- TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigma**.UFES/2009 . Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT22-3691--Int.pdf> (acesso em 20/agosto/2009).

Entrevistas:

Estevina Clementina da Cruz. [jun.2013].Entrevistadora: Rosana Manfrinate. Quilombo de Mata Cavalo/Município de Nossa Senhora do Livramento-MT. Gravação Digital(42'36").Entrevista concedida para a execução do projeto "Identidades e Emancipações das Mulheres do Campo: Políticas, Saberes e Educação". Grupo Pesquisador em Educação Ambiental-GPEA/IE/PPGE-UFMT- Projeto Chamada **MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 32/2012**

Maria Benedita de Arruda. [nov.2010]. Entrevistadora:Rosana Manfrinate. Quilombo de Mata Cavalo/Município de Nossa Senhora do Livramento-MT. Gravação Digital (1h.05'.22").Entrevista concedida para a elaboração da Dissertação de Mestrado da Entrevistadora. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental-GPEA/IE/ PPGE -UFMT- Período 2010 a 2011.